

HACHOLEMET¹ (A SONHADORA), DE HAVA SHAPIRO

HACHOLEMET (THE DREAMER), BY HAVA SHAPIRO

Flávia Fridman Nesharim*

Resumo: A intelectual e pioneira literária Hava Shapiro exporta do seu mundo as temáticas das suas obras literárias, dissertando sobre a mulher, o judaísmo, e o que há entre eles. Neste conto HaCholemet (A Sonhadora), Shapiro expressa a contradição que a mulher vive ao ansiar pela liberdade de escolher o seu próprio destino e pela igualdade dos gêneros frente ao papel da maternidade. Esse é o terceiro conto traduzido, de uma série de três, com a temática *mulheres pioneiras na literatura hebraica que escreveram sobre o feminismo no final do século XIX e início do século XX*.

Palavras-chave: Literatura Hebraica. Pioneiras. Feminismo. Hava Shapiro.

Abstract: The intellectual and literary pioneer Hava Shapiro exports the themes of her literary works from her world, lecturing on women, Judaism, and what is in between. In this short story HaCholemet (The Dreamer), Shapiro expresses the contradiction that women live in yearning for the freedom to choose their own destiny and for gender equality in the face of the role of motherhood. This is the third short story translated, in a series of three, with the theme of *women pioneers in Hebrew Literature who wrote about feminism in the late 19th and early 20th centuries*.

Keywords: Hebrew Literature. Women Pioneers. Feminism. Hava Shapiro.

Uma pioneira da literatura hebraica, Hava Shapiro nasceu no ano de 1876, em Slavuta, Ucrânia, de um pai religioso chassídico e de mãe secular e instruída. Logo, Shapiro recebeu uma educação heterogênea, desde textos religiosos à literatura secular. Shapiro se casou em 1895 e se mudou com sua família para Varsóvia, onde conviveu com muitos escritores da literatura hebraica, como Shalom Aleichem e I. L. Peretz. Por parte de Peretz, Shapiro recebeu amplo apoio profissional, sendo frequentadora assídua da sua casa e do círculo literário que ali se reunia. Em 1903 Shapiro se separou de seu esposo, seus encontros com seu filho foram limitados, e em 1907 terminou por divorciar-se. Em 1910 recebeu seu doutorado da Universidade de Berna na Suíça. Após algumas andanças entre Berlim, Odessa, e sua cidade natal, se estabeleceu na Tchecoslováquia. Suas obras foram publicadas frequentemente nos

¹ SHAPIRO, Hava. HaCholemet. In: BALIN, Carole; ZIERLER, Wendy. In My Entering Now. Tel Aviv: Resling, 2008. p. 65-68.

* Bacharelada em História do Povo Judeu e Estudos Bíblicos pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

E-mail: <flafrid@gmail.com>.

periódicos hebraicos, como *Ha-Shiloah*, *Hatoren*, *Hadoar*. Nelas, assumiu uma linha feminista e exigiu a participação das mulheres no renascimento da língua hebraica e da cultura literária. De sua residência em Praga, Shapiro foi levada para o gueto de Theresienstadt, onde morreu em 1943.

HaCholemet (A Sonhadora)

Ainda menina, surgiu nela uma tendência a sonhar. Às vezes, ela se afastava da companhia das crianças, sentava-se em um canto sem participar da diversão dos que tinham a sua idade, e todo o esforço dos pequeninos para seduzi-la a participar das suas brincadeiras era em vão.

Eles se afastavam dela chamando-a de “mosca morta”; mas quando ela concordava com os seus pedidos para lhes contar “contos de fadas”, eram todos atraídos por ela e se juntavam ao seu redor.

E as suas histórias tinham uma virtude maravilhosa. Ela contava sobre coisas obscuras, acontecimentos que eram inimagináveis; talvez os tivesse descrito com cores tão evidentes, com um entusiasmo tão grande, que os ouvintes eram, inadvertidamente, atraídos pelas fantasias da contadora, como se tivessem visto com seus próprios olhos todas as imagens incríveis que ela descreveu diante deles.

Quando ela cresceu, também a sua tendência de sonhadora cresceu; mas então ela não somente contava, como também defendia o seu sonho: uma única frase, direitos iguais para mulheres e homens na sociedade. Ela se rebelava contra qualquer restrição, desigualdade e lei que levasse à diminuição do sexo feminino.

A nobre e costumeira honra dirigida apenas a elas era a seu ver uma prova visível do quão fáceis elas eram aos olhos dos homens; a suavidade e a atenção por parte dos jovens - como enganadores encobrendo apenas segundas intenções e zombaria disfarçada.

Toda opinião, todo sentimento de pena dirigidos a elas em especial, como para seres frágeis, despertava sua oposição mais vigorosa. Ela se extasiava, se indignava e seus olhos queimavam, seu rosto ora empalidecia, ora ardia.

“Vocês, e só vocês, mataram em nós a coragem e a força, com seus sentimentos de piedade, para seu benefício e prazer!” - ela lia e se abalava toda - “deixem-nos evoluir, não oprimam nosso espírito, não reduzam nosso círculo, não sejam um obstáculo no nosso caminho, então vocês verão nossos benefícios!”

E ela sonhou e pregou que chegaria o dia em que não haveria nenhuma lei que detivesse o sexo feminino em um degrau inferior e o aprisionasse em um círculo estreito e restrito. Não haveria freios e limitações no que concerne aos direitos delas, e então elas alcançariam qualquer posição elevada na sociedade, na humanidade.

Passaram-se muitos dias e a jovem se casou, tornou-se mãe.

Das suas demandas, aspirações e sonhos anteriores só restou uma lembrança, que apenas provocava meio sorrisos nos lábios das pessoas que a conheciam havia tempos...

Agora, sua alegria e seu pesar interno ela esconde; os seus sonhos jamais propagará: eles nascerão, crescerão e serão enterrados no seu coração, por dentro. -

Ela vê toda revelação do coração como uma profanação do seu templo. -

Ela ainda sonha; mas os seus sonhos se transformaram...

“Conte-me por favor, minha amiga, como você mudou assim?” lhe perguntou a mesma companheira fiel às opiniões anteriores delas, “como você trocou assim suas opiniões e sua natureza?”

Nos lábios da sonhadora apareceu um sorriso de vontade.

“Somente a mulher que se sente infeliz como mulher pode se viciar a ideias e aspirações como essas que eu costumava espalhar” ela respondeu.

“Ou melhor dizendo, ela ainda é capaz de lutar a favor da conquista dos seus direitos supremos”, disse a colega provocando.

“Ha-ha; aí estão os meus sonhos anteriores: direitos supremos, deixe estar! Nós temos outros direitos e deles devemos usufruir!”

“Como? Você nega então, também, a legitimidade das suas demandas?” Perguntou a amiga em fúria.

“Não, mas nós temos direitos especiais e não podemos traí-los”, respondeu com uma voz segura.

A amiga espumou de raiva ainda mais, “O círculo estreito...” escapou da sua boca um discurso ao olhar para sua colega com pena.

“Mas por que você então lutou daquele jeito por suas opiniões?” perguntou de repente.

“Porque me fascinaram as lindas e vibrantes frases, em que pude acreditar sem conhecer o verdadeiro eu da mulher”.

“E agora você conhece?” perguntou sua amiga ironicamente.

“Sim, não apenas sua essência, como também seu verdadeiro valor”, respondeu com segurança.

“Sendo assim você pode revelar o segredo para mim também!” zombou a amiga.

Ela deixou sua colega sem dizer nada. O que ela oculta não lhe revelará.

Ela tinha três filhas e o seu maior e mais secreto sonho no momento era...um filho.

Agora ela debocha da mulher que espera e aspira por outros direitos e valores, estranhos ao atributo dela...

Nenhum dos seus sonhos fora tão necessário, tão previsível, tão esperado quanto seu último sonho.